



**A ATIVIDADE FÍSICA E DESPORTIVA E A NATUREZA:
RETORNAR À TOTALIDADE QUE NOS HUMANIZA¹**

**PHYSICAL AND SPORTING ACTIVITY AND NATURE:
RETURN TO THE TOTALITY THAT HUMANIZES US**

**ACTIVIDAD FÍSICA Y DEPORTIVA Y LA NATURALEZA:
VOLVER A LA TOTALIDAD QUE NOS HUMANIZA**

António Camilo Cunha

CIEC – Universidade do Minho (UMINHO)

Zenaide Galvão

CIEC – Universidade do Minho (UMINHO)

Andrize Ramires Costa

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Francisco Emílio de Medeiros

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

INTRODUÇÃO

A atividade física e desportiva e a natureza tem tido um grande enfoque por se mostrar como um *palco*, *um locus*, onde podemos recorrer para mantermos e recuperarmos a nossa saúde física e mental; para encontrar novos tempos e espaços de convívio (vivermos juntos); para competir (atividades desportivas), para tomarmos consciência da importância da natureza - os gregos chamavam - lhe *Gaia*, o Papa Francisco chama-lhe a *Casa Comum* - e por isso, a necessidade de a protegermos, respeitarmos e interagirmos com ela. Mas, a natureza apesar

¹ Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança – UMINHO). Ref. UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.



das suas várias representações tem um interesse existencial: o sentido da vida, dimensão espiritual, a totalidade que nos humaniza, a *totalidade que está sempre à nossa espera*.

OBJETIVO E METODOLOGIA

O *objetivo* central desta reflexão - em jeito de pequeno ensaio - é procurar olhar para a atividade física e desportiva e a (na) natureza como possibilidade de retornar à totalidade que nos humaniza. Neste contexto, a *metodologia* utilizada sai dos cânones de uma metodologia científica/empírica de investigação e tentar conhecer a ideia de natureza, a as possibilidades, que ela possa conter para que a atividade física e desportiva possa ser menos material/instrumental e mais espiritual/total. Para o desenvolvimento deste exercício teórico, vamos situá-lo em cinco patamares: *Representações sobre a Natureza; Os relatos bíblicos, a mitologia grega e a modernidade; Temos hoje, uma relação ambígua com a natureza; O medo da morte; O Todo como perpetuação da vida; A atividade física e desportiva na natureza: retornar à totalidade que nos humaniza*. Terminamos com uma conclusão de síntese. Uma conclusão que ao mesmo tempo deixa uma abertura para irmos para a frente, para diante, neste palco único - a natureza.

REPRESENTAÇÕES SOBRE A NATUREZA

O que é a natureza? Por um lado, associamos a natureza ao ser, ao real, ao universo. A natureza como sinónimo da totalidade, de tudo o que nos rodeia, mas diferenciando-a sempre do âmbito do sobrenatural. Existe o sobrenatural? Haverá algo exterior à natureza? Por que a insistência em encontrar algo que nos ultrapasse? Por outro lado, a natureza apresenta-se associada com o material, oposta ao pensamento, ao abstrato, à civilização, bem como ao artificial - a natureza artificial, resultante da técnica e da tecnologia. No entanto, não são também os produtos da nossa consciência e da tecnologia frutos da natureza? Onde pôr o limite? Na intervenção humana? Chegamos assim a outra aceção do natural que se vincula ao essencial, com o característico de qualquer entidade, como quando se pergunta pela natureza humana ou quando Aristóteles (1982) abre o livro “Metafísica” com a seguinte afirmação: todos os homens, por natureza, desejam conhecer. Então, em que lugar fica a liberdade



humana se tudo está determinado? Pode-se ir, então, contra a natureza? O que é a natureza?
Uma coisa fechada? Aberta?

OS RELATOS BÍBLICOS, A MITOLOGIA GREGA E A MODERNIDADE

A concepção da natureza aparece em duas fontes iniciais: *os relatos bíblicos e a mitologia grega* e depois na modernidade. No relato bíblico do Gênesis, Deus, que está fora da natureza, primeiro concebeu os céus e a terra. Tudo, tudo era um caos. Tudo era uma grande desordem. E aí, Deus criou a luz. Tudo se ordenou. E assim surgiram o mar, as árvores, a noite, as estrelas... e, por último, criou o ser humano. Parece que Deus ofereceu a Adão o primeiro ser humano e a natureza para que a dominasse e nominasse. A natureza foi-nos, então, concedida com tudo formado, com tudo fechado e definitivo, pronta para que o homem a utilizasse para a sua conveniência. Deram-nos a natureza para a nossa sobrevivência e nós não fizemos outra coisa senão manipulá-la e destruí-la a serviço de uma ambição desmedida. Além disso, não fazemos outra coisa a não ser querer sair dela. O castigo que Deus outorga ao homem é trabalhar a natureza e, à mulher, parir com dor. Como não odiar a natureza?

No mundo da mitologia grega Bulfinch (2006) é outra coisa. Existe convivência, existe continuidade entre o mundo dos deuses e o mundo dos seres humanos. Cada divindade corresponde a um elemento da natureza. Hélio é o deus do sol. Selene a deusa da lua. Poseidon é o deus dos oceanos. Atena a deusa da sabedoria. Deméter a deusa da fertilidade. Toda a natureza está encantada. Não há oposição entre o mundo dos deuses e o mundo dos seres humanos, existe antes uma relação de continuidade e totalidade.

Os gregos denominavam a natureza de “*physis*” (os filósofos pré-Socráticos eram os filósofos da natureza - origem do mundo), que significa brotar, crescer, mas sempre a partir da ação, como se disséssemos “o que está a brotar” ou “o que está a crescer”.

Na modernidade, a palavra “*physis*” viria a traduzir-se para o latim com o vocábulo “*natura*”, particípio passado do verbo nascer, ou seja, a ideia de algo que já está nascido, algo que já está feito. A própria ideia de algo já feito remete-nos a algo terminado, fechado, em estado definitivo - natureza fechada.



No século XIX, uma série de pensadores foram desmontando a ideia de uma natureza fechada. Surge a ideia de natureza aberta. A definição de natureza muda e vai continuar a mudar. Foram desnaturalizando o sentido. Marx (s/d, 2008) desnaturalizou a economia e a política. Não existem comportamentos naturais que determinem as formas da ordem social. É ao contrário. Para se reproduzirem no poder, as ordens sociais geram um tipo de saber que justifica a ordem estabelecida. Por natureza, não somos mais que mudança. Nietzsche (s/d, 1990, 2004), levou esta desnaturalização ao plano ontológico. Nada existe, por natureza, na realidade. Não há mais do que interpretações e uma delas impõe-se como se fosse algo natural, como se fosse verdadeira. Mas, claramente, foi Darwin (2004) quem fez do vivo algo aberto e contingente. A evolução não supõe um direcionamento para etapas superiores. A sua chave está na contingência, isto é: tudo pode ser de outra forma.

Para Darwin, produzem-se nas espécies variações aleatórias que fazem com que alguns grupos se transformem perante mudanças imprevisíveis nas condições de existência. Aqueles grupos que mudaram por acaso são os que sobrevivem. Não sobrevivem porque possuem uma natureza melhor, ou porque estão melhor adaptados ou por mérito. Sobrevivem por acaso, mas também pela competição e pela adaptação.

TEMOS HOJE, UMA RELAÇÃO AMBÍGUA COM A NATUREZA

A nossa relação com a natureza é ambígua. Ou nos sentimos seus donos ou nos sentimos parte dela. Ou dispomos dela para as nossas necessidades ou consideramo-nos mais uma parte de uma harmonia que nos envolve e nos transcende. É interessante a postura dos cínicos sobre a natureza. O *cinismo* (corrente grega - não tem a ver com a expressão cínico hoje utilizada/ Diógenes, como um grande cínico) foi uma corrente grega que defendia que a causa principal da nossa decadência consistia em ter abandonado a nossa vida natural e por isso a defesa em *retornar à natureza como uma forma de recuperar o original, entrar na natureza para nos tornarmos humanos*. Porque lutamos contra a natureza? Talvez o problema esteja sempre no mesmo lugar, *no nosso medo da morte*.

O MEDO DA MORTE



Toda a natureza acontece em ciclos de nascimentos e mortes. Tudo muda, mas parece que essa mudança incessante degrada tudo. Por isso, procuramos algo que não mude. Os primeiros filósofos procuraram na natureza um fundamento para tudo. Parmênides (PADILLA, 2015), afirmou que nada mudava - um alicerce que não sofresse o devir que faz parte de tudo. Aristóteles (1990) diz que esse fundamento último não pode nascer, nem morrer, ou seja, há algo que não muda por baixo de tudo o que muda. Entretanto, Heráclito (COSTA, 2002), encontra um lugar intermédio. Defende que tudo muda e, embora pareça contraditório, a mudança, que é tudo, é eterna. Não existe eternidade exterior ao tempo. A natureza é que está em mudança incessante e infinita. Não existe origem, não existe um final. A natureza vem mudando desde sempre e continuará a mudar para sempre. Espinosa (2009), demonstra que não pode haver outra coisa no mundo que não a *natureza*. E, assim, define Deus como a natureza. Deus, a natureza, o mundo, a totalidade, são sinónimos. Deus não é o Deus bíblico, não. “*Deus vive natura*”, diz Espinosa. Deus, ou seja, a natureza.

O TODO COMO PERPETUAÇÃO DA VIDA

Repensemos um pouco o que é o Todo. O Todo é tudo e ao todo não pode faltar nada. É tudo o que existe, não importa se lhe chamamos *Deus, Natureza ou Ser*. É tudo, é o que existe. E tem leis. Os seres humanos apenas conhecem uma parte do mundo. E por isso, dotamos de mistério tudo o que não conseguimos compreender. Assim nascem as religiões (ELIADE, 1997), propondo uma rutura entre o natural e o celestial, como se houvesse dois mundos. Não obstante, para Espinosa (2009) há continuidade. Não pode não haver continuidade porque tudo é uno. E, se esse todo, Deus, é a natureza, então, tudo é natural. Não existem milagres, são fenómenos naturais que a ciência ainda não pôde explicar. Espinosa dissolve o mundo transcendente e consagra um lugar predominante à natureza.

E se todo o problema se reduzisse ao facto de não querermos admitir que somos apenas mais uma espécie, que não é a suprema, nem a definitiva? Como tolerar a ideia de que o humano é parte de uma natureza que nunca é a mesma? Como tolerar que o ser humano não seja sempre o mesmo? É intolerável. Em razão disso, a nossa cultura foi desenvolvendo a ideia da natureza como um sinónimo de algo essencial, de algo definitivo, de algo fechado.



A ATIVIDADE FÍSICA E DESPORTIVA NA NATUREZA: RETORNAR À TOTALIDADE QUE NOS HUMANIZA

A atividade física e desportiva como expressão do humano não pode esquecer estas representações - em particular a ideia de mudança. Uma mudança que nos convoca a sermos mais humanos - não no fechamento, no definitivo, mas numa totalidade dinâmica e intrinsecamente/perpetuamente pura e original. De alguma forma encontramos aqui o idealismo de Hegel (1991) com a sua *fenomenologia do espírito*. Deste modo, apelar à natureza de algo, de qualquer coisa, é tentar alcançar o seu sentido mais genuíno, com a sua verdade original. Uma verdade original que definiria o humano em estado puro. E esta pureza viria associada à normalidade e, por consequência, à sanidade, a uma natureza sã. O são, o puro, o normal e o natural, por um lado, e o doente, o impuro, o anormal e o contra natura, do outro. Tudo se reduz ao monopólio das leis corretas de funcionamento sobre a natureza. Ou seja, aquele que se apropria do apelativo “por natureza” e “na natureza” vence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza... original, pronta, fechada, real (natural), real (artificial), objetiva, aberta, subjetiva, construída, modificada? É muita, a literatura futurista que nos mostra um futuro apocalíptico, na qual a natureza se encontra praticamente destruída. A supressão do natural pelo artificial costuma visualizar-se como a perda do mais original do ser humano. Mas o que seria original? Qual seria a verdadeira natureza que deveríamos resguardar? Espósito (2010, 2011) *propõe-nos, então, pensar o ser humano como o único ser, cuja natureza consiste em estar a toda a hora a transformar a sua própria natureza*. Somos parte de um todo que nos excede e nos contém, mas trata-se sempre de um todo aberto, assim como devem ser as boas totalidades para não se tornarem totalitárias.

A atividade física e desportiva na natureza, para além de todas as dimensões que que conhecemos ela diz-nos que existe algo natural neste mundo, e que tudo muda. Mas uma mudança que não nos retire do humano (valores, afeto, emoção, pensamento, sentimento), pois o humano faz parte dessa totalidade infinita que se transforma sem se degenerar. Mesmo na natureza artificial - técnica e tecnologia - o humano deverá estar lá! Será que esta conceção de



natureza estão a ocupar as práticas corporais/desportivas de aventura junto à natureza? Estão a humanizar os humanos?

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ed. Valentín García Yebra, Madrid: Gredos (Edição de 1982).

ARISTÓTELES. **História de los animales**. Buenos aires: Akal Ediciones (Edição de 1990)

BULFINCH, T. **Livro de ouro da mitologia. Histórias de deuses e heróis**. (34ª ed.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

COSTA, A. **Heráclito. Fragmentos contextualizados**. Lisboa: Editora Difel, 2002.

DARWIN, C. **A origem das espécies e a seleção natural**. Lisboa: Madres Editora, 2004.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Porto: Edições ASA, 1997.

ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ESPOSITO, R. **Bios: Biopolítica e Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2010.

ESPOSITO, R. **Immunitas: the protection and negation of life**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2011.

HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MARX, K. **Manuscritos Económico – Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, s/d.



Ciências do Esporte / Educação Física,
Soberania Popular no Brasil e na América Latina: Redirecionando
as forças democráticas
nas águas do Dragão do Mar

17 a 22 de setembro de 2023 / Fortaleza – Ceará

MARX, K. **Contribución a la Crítica de la Economía Política**. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2008.

NIETZSCHE, F. **Vontade de potência**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

NIETZSCHE, F. Fragmentos póstumos. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, Vol. 13, p. 139-145, 1990.

NIETZSCHE, F. **Assim Falava Zaratustra**. Lisboa: Guimarães Editores, 2004.

PADILLA, G. **Parménides: Sobre la naturaleza**. Madrid: Ápeiron Ediciones, 2015.